

TIPOS E CASOS - (X)

TAVIRA D'ONTEM João Semedo

João Semedo arrastava a sua vida no liceu, fazendo um exame por ano, graças aos empenhos fortes de seu primo, o Dr. Francisco, figura d'alta importância política e governador civil em todos os governos progressistas. Não porque fosse estúpido, mas cabulando nos estudos, era assíduo nas pandegas escolares, em todos os festejos, nas cerimónias religiosas, em toda a parte onde os seus olhos vissem um rosto bonito de rapariga, onde pudesse rir-se à custa de outrem, onde havia que ver e aprender muito mais que em livros feitos por caturras, como ele dizia, referindo-se aos livros liceaes. E quanto a formar-se em Coimbra, como desejava seu pae, ver-se-ia a seu tempo. Sentia, por vezes, uma vaga e indefinida saudade de qualquer coisa indecisa que não podia concretizar, saudade, anseio, desejo vago, que mais aumentava ao ouvir musica classica, ou ao ver uma paisagem marítima. Era um não sei quê que lhe faltava e a que anceava sem que o pudesse definir com precisão, e só em pontos vagos. A's vezes sentia saudades de mim próprio, dizia ele, como que querendo sintetizar o seu vago sentir. E n'esses dias andava macambuzio e agressivo.

Regressava à casa paterna nas férias grandes, onde só estava para dormir e às refeições, gastando os dias e parte das noites na vila, namorando, ouvindo a bisbolytheica indigena pelos centros de cavaco, na botica dos progressistas onde pontificava o Dr. Julio, chefe politico, ou na botica regeneradora em que o coronel Sousa ditava leis, e que em dias solenes se fardava em grande uniforme recamado de medallhas, de que se ufanava, como figura decorativa, propria de terras pequenas.

Um dia fôra abordado pelo alter-ego do primo Francisco, que lhe disse muito à puridade:

—O' João Semedo, porque não faz você o curso dos liceus? dava prazer a seu pae e ao Dr. Francisco. Olhe, ouça, estou autorizado por seu primo a dizer-lhe que se você se formasse em direito, ele dava-lhe em casamento a unica filha solteira que tem e que você conhece. Não se assuste, não abra tanto os olhos. Você forma-se, o curso é facil, demais com a protecção do primo, leva-o com uma perna às costas. Depois, não precisa trabalhar com o grau, basta ser doutor; faz um casamento rico, que futuro, heim?! Vê como o Francisco é seu amigo e se interessa por si; não há que hesitar, é meter mãos à obra. Ora decida-se.

E com um forte apeto de mão, deixou-o boquiaberto.

João Semedo, espantado, viu-o desaparecer numa esquina. Depois exclamou:

Mas que dois refinados velhaeos... e que triste ideia faziam d'êlê!...

Mas, pensava indignado, mas esse seu primo Francisco, esse famoso governador civil, esse régulo politico a quem todos se rojavam, que figura fazia atirando-lhe à cara uma filha com a condição de ele João se fazer doutor, um baxarreles, como ele chamava por troça aos bachareis e atirando-lha à cara com a agravante de ser por intermédio de um terceiro, um alcoviteiro politico, agora alcoviteiro de casamentos, e quem sabe do que mais. Indignos! Ele, João Semedo, não era mercadoria de venda, nem homem para negocios de tal jaez que ficavam mal a comprador e a vendedor.

Esse Dr. Francisco que nunca o recebera em sua casa, que a franqueava a tantos trocatis políticos, e com quem ele, João, apenas falava para lhe lembrar os dias dos exames para empenhos aos lentes, queria agora sa-

Por DAMIÃO DE VASCONCELLOS

sa-lo com uma filha e com a condição de ser doutor! Se não, não. Mas com mil diabos, porquê? Sim, porquê? Não a namorara, não dissera a ninguém que tinha tal pretensão, nem sequer gostava d'ela. Porque então tal lembrança, tal proposta, e feita por terceiro? Com uma carrada de diabos! não, ele, João Semedo, não queria tal contrato, não casaria em taes condições. Casaria, sim, quando lhe desse na real gana, e com quem lhe desse na mesma real gana, era livre e livre queria ser. Corja de scripantas! quem lhes pudesse partir a caveira com uma móca, e ficar impune, mas ainda teria que pagalos por bons rachando-lhes a cachola.

Indignado, praguejando, regressou à casa onde alugara quarto, enfardelou e emalou tudo o que era seu, depois de jantar despediu-se da patroa espanhola e partiu no comboio n'uma terceira classe, com a bagagem e um pataco no bolso, para a terra natal.

Dicidira acabar com os estudos e regressar à casa paterna. Que diria o pai? Ver-se-ia. Ele, João Semedo, não queria mais aquela vida, nem ouvir nem ver mais o tal Dr. Francisco, nem a choldra politica que o rodeava. Que fossem para as profundas dos infernos e que o deixassem em paz com taes projectos indecentes que o envergonhavam, já que os proponentes não tinham vergonha nas suas caras estanhadas. Tudo isto ruminava mentalmente, enquanto o comboio seguia a caminho da vila Natal.

Mas que diria o pai ao saber tudo isto? Faltava pouco para o saber.

Nascia o sol e o comboio parava na vila.

João desceu com a bagagem que deu a guardar a um carregador seu conhecido. Depois seguiu a pé caminho do solar. O portão sobrepujado pela pedra d'armas, ainda estava fechado. Rodeou o muro até mais próximo da residencia, escalou-o e ao pousar no chão, dois cães formidáveis, arremeteram ferinos. João gritou-lhes:

—Eh! Marujol eh! Tigrel

Os animais olharam-no e, apoiando-lhes as mãos nos ombros, agitaram as caudas reconhecendo-o.

De cima do terraço, uma voz feminina exclamou alegremente: —Ai, o menino, o meu rico filho...

Era a ama, a velha Luisa que, no espanto da inesperada visita do seu menino, deixara cair um braçado de roupa e descia a escada atabalhoadamente.

Em baixo cingiu-o n'um abraço e perguntou-lhe admirada:

—Mas que visita é esta, inesperada?

—Meu pae?

—Bem, graças a Deus, deve estar a levantar-se.

—Preciso falar-lhe, já.

Subiram ao primeiro andar, e, ao penetrar na sala de entrada, encontraram Duarte Semedo, que, surpreendido ao ver o filho, perguntou:

—Foste expulso do Liceu?

—Não, meu pae, preciso falar-lhe a sós.

No escritório, Duarte Semedo ouviu atentamente o filho expor as razões da fuga da capital do distrito, e no fim disse-lhe:

—Fizeste bem, procedeste com honra, eu faria outro tanto. Ninguém se deve vender a uma mulher, rica ou pobre. O Francisco andou muito mal nessa proposta, tanto mais delegando n'outro. Um homem digno d'este nome não é mercadoria que se negocei. Fizeste bem. E agora que vida pensas seguir?

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)

Festejos Populares

Continuam hoje, no Parque Municipal, os festejos populares, promovidos pela Comissão de Auxilio á Misericórdia, em colaboração com a Academia Musical Tavirense e sob o patrocínio da Câmara Municipal.

Repetição dos folguedos das noites anteriores.

A's 21 horas e meia, a Banda da Academia percorrerá a cidade.

A's 22 horas, concertos musicais.

A's 23 horas, abertura do «Dancing», o qual será abrilhantado por uma excelente orquestra de «Jazz», sob a competente regência do maestro Saraiva Rosa.

A Meia-Noite, distribuição dos prémios ás concorrentes do «Vestido Popular».

A 1 hora, exhibição do «Rancho Folclórico de Tavira», «Chaminés Algarvias e Varejadores de Amendoeiras», com letras de Antonio do Nascimento e Isidoro Pires, e música do distinto maestro Herculano Rocha, que tão grandioso exito obteve recentemente nas festas centenárias de Lisboa.

Acompanhará o Rancho um grupo de exímios tocadores de harmonio.

Vai ser uma bela noite de festa, com todas as características e sabor regional, pois os pares apresentam-se vestidos a rigor.

Quem não assistiu ao seu desfile em Lisboa tem agora a oportunidade de apreciar a representação algarvia nas festas centenárias.

Segundo nos consta, a Comissão de festas vai convidar o Rancho Folclórico da Casa do Povo de Alte, para se exhibir no próximo domingo, no Parque Municipal.

No Concurso do Vestido Popular realizado na noite de S. Pedro no Parque Municipal, apresentaram-se sete concorrentes tendo o juri eleito «Rainha Tavirense do Vestido Popular do ano de 1947» Mle. Maria Isabel de Oliveira e suas «Damas de Honor», respectivamente, Mles. Irene da Silva Pires, classificada em 2.º lugar e Maria José da Palma, (Rainha dos anos de 1945 e 1946), classificada em 3.º lugar.

As restantes concorrentes foram:

Mles. Maria de Lourdes Gre-

Dr. Manuel Alves da Cunha

Há pouco, foi recebida em Portugal Metropolitano a noticia do falecimento, em Luanda, do Rev. Conego Manuel Alves da Cunha, Vigário Geral daquela diocese.

O seu retrato foi publicado em vários jornais, assim como parte da sua biografia.

Não vamos agora reproduzir o que foi publicado. Muito mais havia a dizer desta destacante figura.

O Dr. Cunha era de há muitos anos a personalidade mais prestigiosa da nossa colónia de Angola.

Era conhecido pelo Dr. Cunha, e era assim que todos o tratavam.

Duma bondade e inteligência muito acima do vulgar.

A sua popularidade era notória.

Foram muitos e relevantes os serviços que prestou a Angola.

Muito trabalhou para a criação do Liceu de Luanda, do qual foi o seu primeiro reitor.

Tambem foi vereador da Câmara Municipal de Luanda, tendo o pelouro da Instrução.

No Clube Transmontano de Luanda, de que era presidente honorário, lá tem o seu retrato na sala das sessões.

Por brincadeira, chamavam-lhe o Consul de Trás-os-Montes. Mas êle dizia que tambem o era das outras provincias, porque tanto protegia os transmontanos como os que não o eram.

Quando esteve em Lisboa, no tempo em que foi Ministro das Colónias o comandante João Belo, quizeram faze-lo bispo.

E, na verdade, não havia ninguém mais indicado para aquela dignidade do que êle, que substituiu o bispo desde 1914, que foi quando D. João Evangelista de Lima Vidal retirou definitivamente para a Metrópole.

Mas êle não aceitou.

Chegaram a dizer-lhe que o fariam bispo, mesmo sem êle querer.

Respondeu que deixaria a vi-

gório, Maria Luisa Ferreira, Maria Catarina Gançalves e Leonor Pereira de Jesus.

A entrega dos prémios ás concorrentes é feita esta noite, no Parque Municipal.

da eclesiástica se tal fizessem. Causou esta atitude geral admiração.

Ele nunca disse os motivos porque não aceitava o cargo, que afinal desempenhava há muito tempo, como substituto, e com geral agrado.

Nós estamos convencidos que o motivo foi o seu feitio muito popular.

O Dr. Cunha não poderia continuar a fazer a sua vida habitual, uma vez elevado a tal posto, e isso seria para êle insupportavel.

Tôdas as tardes saia a pé e falava familiarmente a tôda a gente, sem distincção de classes.

No próprio Paço Episcopal era procurado com frequência por tôda a gente, e até por soldados e degredados. A todos recebia, a todos atendia e a todos protegia.

Chegaram a censura-lo por fazer esperar pessoas de elevada categoria, porque estava atendendo degredados.

Ele então dizia que eram os mais desgraçados e de menos juizo que mais assistência precisavam.

Todos o respeitavam e estimavam.

A sua influencia era grande, até quando tinha as relações cortadas com os Governadores Gerais, como sucedeu algumas vezes.

Atravessou o periodo mais critico contra a Igreja, após a proclamação da República.

Houve jornais governamentais que o atacaram, chamando-lhe sotaina e outros epitetos, mas conseguiu ter sempre por seu lado a maioria dos chefes dos serviços públicos; e, assim, êsses governadores seus inimigos nomeavam protegidos seus para vários empregos públicos, por proposta dos chefes de serviço, sem suspeitarem que o eram.

Com a sua diplomacia conseguiu que nunca fosse publicado o regulamento do Registo Civil, sem o que a lei não podia vigorar na Colónia.

A unica colónia portuguesa em que nunca vigorou o Registo Civil obrigatório foi Angola.

Mais de um Governador de Distrito e vários Chefes de Serviço devem os seus lugares ao Dr. Cunha.

Tinha um grande amor a Angola, onde dizia que morreria, como sucedeu.

Quando o Alto Comissário, General Norton de Matos, se embrenhou demasiadamente no caminho dos empréstimos para o fomento de Angola, pareceu que o Dr. Cunha lhe observou que o futuro seria de grandes dificuldades, devido aos encargos criados.

Norton de Matos ter-lhe-ia respondido que a êsse tempo já lá não estaria.

O Dr. Cunha respondeu-lhe que êle e o Salvador Correia (e apontou-lhe para o monumento em pedra de Salvador Correia de Sá e Benevides, que está no largo do seu nome) ainda lá estariam.

Este caso foi citado no Parlamento pelo deputado Cunha Leal, quando do ataque d'êste aquêlê Alto-Comissário.

Foi um valioso auxiliar de muitos Governadores e Alto-Comissários.

Estamos certos que há muitas dezenas de anos não há uma morte tão sentida em Angola.

Á. Campos Palermie

Agradecimento

A familia do falecido José Lourenço Entrudo vem, por êste meio, agradecer a todas as pessoas que se incorporaram no seti funeral e lhe enviaram condolências.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

A Representação Folclórica do Algarve no Grande Cortejo Nocturno da Gente do Mar na «Festa do Tejo»

Marcha do desfile

Letra de António do Nascimento
Música de Herculano Rocha

Meu Algarve, reino d'ouro e azul,
Imortal país da neve em flor,
Das lindas moiras encantadas,
De lendas e de fadas.
Triunfal poema, frente ao mar,
Em 'strofes doiradas, sensuais,
Pátria do sol e do luar,
Que não se olvida mais...
Que não se olvida mais...

Algarve,
E's ninho de amores,
Perfumes e côres,
De encantos sem par.
Algarve,
Sempre a sonhar,
Embalado pelo mar;
A murmurar...

Algarve,
E's sonho adorado,
Jardim paraíso,
Por Deus abençoado.
Algarve, Algarve,
E's flor sem rival
Entre as flores mais lindas
De Portugal!

II

Meu Algarve lindo e mafineiro,
Trovador gentil, enfeitado,
Arde e louco aventureiro,
Poeta enamorado.
Sinfonia mágica de luz;
De noites de sonho, tropicais,
Terra bendita e que seduz,
E não se esquece mais...
E não se esquece mais...

Algarve,
E's ninho de amores,
etc., etc.

Marcha da Marcação

Letra de Isidoro Pires

Música de Herculano Rocha

A chaminé algarvia
E' tão airosa, tão bela,
Que enche os olhos de alegria
A quem olha para ela.

Só um artista de raça,
Algarve, como tu és,
Poderia ter a graça
De dar graça às chaminés.

Casinhas da beira-mar,
Casinhas da beira-serra,
Chaminés a fumegar,
Haja paz na nossa terra!

Algarve, terra a gritar,
Onde a beleza nasceu,
Onde o pove vai ao mar,
Co'os olhos fitos no céu...

Desde o mar até à serra,
As amendoeiras, Senhor,
Têm raizes na terra
E, também, no nosso amor.

As flores, oh! que primor,
Todas feitas de cetim...
Até parecem da côr
Dum sonho que trago em mim.

Casinhas da beira-mar,
Casinhas da beira-serra,
etc., etc.

Informações

Já tomou posse do cargo de subdelegado de saúde, deste concelho, o nosso ilustre conterrâneo sr. Dr. Ramos Passos.

Encontram-se vagas as escolas de ensino primário elementar do sexo masculino de Tavira—sede do concelho e Cachopo—concelho de Tavira.

Também se encontra vaga a escola do sexo feminino de Cachopo—concelho de Tavira.

O mercado de metais deixou de estar sujeito ao regime da tabela de preços.

Foi à pouco promovido ao posto de Major, o capitão aviador com o Curso do Estado Maior, nosso conterrâneo sr. Francisco António das Chagas.

Por tal motivo, apresentamos-lhe as nossas felicitações.

CARLOS PICOITO
ADVOGADO
 Avenida da Republica, 120-122
FARO
 Consultas em Tavira, às quintas-feiras, no escritório do solidoador Carmo Peres

João Semedo

(CONCLUSÃO DA 2.ª PÁGINA)

—Trabalhar nas nossas terras. Creio que hei-de gostar.

Luisa, ao saber que o seu menino regressava de todo ao solar, gritava pelo criado que fosse à vila, à praça, comprar o melhor peixe, queria que o quinteiro fizesse uma fornada imediata de pão fresco, e, esbaforida, punha em movimento todo o pessoal do solar, a todos dizendo que chegara o seu menino para não mais sair.

—O meu menino querido que veio para ficar!

E radiante, foi preparar-lhe o quarto, e vigiar a festa de recepção.

Era como se chegasse o filho pródigo. O pae, comovido, sorria.

Em verdade, o seu filho tinha caracter, dignidade, não se aban- dulara às propostas do Francisco. Era um homem. Perdiam-se os estudos, que importava? Qui- zesse ele trabalhar no que seu seria, como dissera, teria em que se entreter, e bem, além de que ele, Duarte, já se encontrava velho e cansado, e veria com gosto o seu herdeiro e sucessor dedicar-se ao que lhe pertencera.

Mas o rapaz não deveria estar na dependência do pae, em tudo; agora que não tinha a mesada de estudante, dava-lhe a administração dos bens que foram da mãe. Sim, que os administrasse, que os gossasse nos seus rendi- mentos, além de que ele, pae, lhe pagaria as respectivas contri- buições. Assim pensava o velho Duarte e assim resolveu.

Esfregava as mãos, satisfeito com a sua resolução que o filho aceitou prontamente, selando-se o contrato com um apertado abraço.

Anos depois, João Semedo que então passava o inverno em Lisboa, voltou n'um verão casa- do, ao solar. O pae, velho e ain- da rijo, deu uma festa em honra dos noivos, e a Luisa, muito velhinha e meio paralítica, choran- do de comoção e pondo as mãos, rezava!

—Graças sejam dadas a Deus, Nosso Senhor, que no fim da mi- nha vida vejo o meu menino tão feliz!

N. F.—Por ter saído com alguns pe- ríodos trocados, damos novamente a publicação, deste artigo.

Pedimos desculpa ao seu autor, des- te involuntário engano.

LA seguir! SERENATA TRAGICA

Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—D. Maria do Carmo Vizeto Chaga Cansado, D. Maria Angela Mar- tins Fina Barradas, D. Maria Fernanda Marques Pereira, sr. Ventura José An- gelo Ladeira e menino Gilberto Angelo Santos de Oliveira.

Em 8—D. Maria José Viegas Cara- peto Soares, D. Ilda Contreiras de Cam- pos Cansado, D. Maria Teresa Pessoa de Pádua Cruz e D. Maria Virginia Cha- gas Boliquireme.

Em 9—D. Maria Gremilde Peres Fi- gueira, menino Alexandre Martins Vi- gas Casário e sr. Eduardo Augusto Sousa Gomes.

Em 10—Menina Maria Amélia Leiria Ochôa, menino Renato Januário Fon- seca e sr. João do Carmo Costa Junior.

Partidas e Chegadas

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta cidade o nosso conterrâneo sr. Capitão Manuel Benjamin Rodrigues Coelho, residente em Lisboa.

—Deu-nos há dias o prazer da sua visita o nosso prezado amigo e conter- râneo sr. Dr. José Ascensão Contreiras, distinto médico radiologista, residente em Lisboa.

—Foi à capital o sr. António Carlos Marques Trindade, despachante da Alf- andega, nesta cidade.

—Em serviço, esteve nesta cidade o sr. Virgílio Fagulha, dig.º Director Es- colar, neste distrito.

—A fim de acompanhar os alunos da Escola de Pesca de Tavira, que partiram para a colónia de férias de Santo Ama- ro de Oeiras, partiu para Lisboa a sr.ª D. Maria de Jesus Guerra.

—Com sua esposa regressou da sua viagem ao estrangeiro o sr. Dr. Gon- çalo Bandeira Pessanha, distinto médi- co, desta cidade.

—De visita a sua filha e genro, parti- u para Lisboa a sr.ª Estela de Lemos e Matos, esposa do sr. Dr. José Augus- to Soares de Matos, digno Conservador do Registo Civil, nesta cidade.

—Há dias, deu nos o prazer da sua visita, o nosso particular amigo sr. Ma- nuel Dias Pires, distinto professor ofi- cial em Estoi.

—Com sua esposa vimos nesta cida- de o nosso prezado assinante sr. tenen- te Eduardo Maria Pacheco Pinto, ao serviço em Lagos.

—Com sua esposa partiu para Aveiro o sr. José António Evangelista, digno funcionário bancário, agente do «Povo Algarvio», na Luz de Tavira.

—Partiu para Cercal do Alentejo, onde foi tomar posse do cargo de re- gente da filarmónica local, o nosso conterrâneo sr. António Viegas Junior.

—Em serviço da Companhia de Se- guros Portugal Previdente, esteve nesta cidade o nosso prezado conterrâneo sr. capitão Eduardo Emiliano Rêgo, resi- dente em Lisboa.

—Encontra-se nesta cidade o nosso assinante sr. Ferreira da Graça, viajan- te duma das mais importantes firmas comerciais do Norte.

—Esteve em Tavira o sr. Prior Julio Alves de Oliveira, Presidente da Junta de Freguesia de Cachopo e nosso prezado assinante.

—Esteve em Tavira o sr. José de Sousa Barão Junior, nosso prezado as- sinante em Cachopo.

—De visita a sua cunhada e irmão sr. José Diogo Cavaco, agente fiscal da C. R. M., esteve em Tavira D. Maria Camila Cavaco, de Cachopo.

ENSINO PARTICULAR

O Instituto Lusitano

LISBOA—BENFICA Telefons 58.574

Aos pais que teem filhos a educar, aconselhamos este modelar colégio da Capital, instalado em dois amplos edificios, onde, em sedes separadas, recebe alunos dos dois sexos, em harmonia com a Lei, no pitoresco bairro de Benfca, em pleno campo, com luz e ar a jorros, desenvolvendo-se as creanças sob a acção benéfica destes indispensáveis agentes da Natureza. Peçam o prospecto com condições de admissão.

Júlio Sancho

Méico-Radiologista

Raios X - Electroterapia

Rua de Santo António, 32 - 1.º

TELEPHONE: Consultório e Residência 368

FARO

Barco com Motor

A óleos pesados, com licença de enviada e com todos os per- tences para a pesca da pescada, incluindo dois botes. Vende-se. Nesta Redacção se informa.

Jogos Florais da Emissora em Faro

Está despertando o maior inter- esse em todo o Algarve o no- tável certame promovido pela Emissora Nacional e que se reali- zará no próximo dia 7 de Agos- to em Faro. Espera-se em breve a vinda a esta cidade de artistas decoradores, tecnicos de som, etc. a fim de orientarem a organiza- ção do esplendido serão que ter- rá lugar no Largo da Sé, em ma- gnífico ambiente de arte e poesia.

Há conhecimento de que nu- merosos poetas já enviaram as suas produções e outros se pre- param para as entregar até ao próximo dia 12 de Julho, termo de respectivo prazo. Tudo indi- ca que este interessantissimo em- prendimento terá o brilhante êxito que tem obtido noutras ci- dades do País.

REGULAMENTO

Os Jogos Florais de 1947, de inicia- tiva da Emissora Nacional realizam-se no dia 7 de Agosto em Faro, e obede- cem às seguintes regras:

1.º—Só poderão concorrer poetas e prosadores portugueses com produções inéditas.

2.º—A entrega dos trabalhos tem de efectuar-se até às 12 horas do dia 12 de Julho p. f., com o seguinte endereço:

A repartição dos Serviços de Produ- ção—Jogos Florais—Emissora Nacio- nal—Rua do Quelhas 2—Lisboa.

3.º—Os originais serão subscritos com uma divisa ou pseudónimo, devidamen- te dactilografados e em triplicado.

4.º—A divisa ou pseudónimo será também aposta na parte exterior dou- tro sobrescritos, este lacrado, dentro do qual se encerra o verdadeiro nome e respectiva morada do autor.

5.º—Só serão abertos os sobrescritos lacrados correspondentes aos trabalhos classificados.

6.º—Nenhum concorrente poderá apresentar mais do que uma produção em cada género e, no caso de não ser cumprida esta clausula, o mesmo con- corrente será desclassificado em todos os outros géneros a que tenha concor- rido e nos quais; por ventura haja sido premiado.

7.º—As produções poéticas dos con- correntes classificados serão lidas pelo Leitor Oficial do torneio.

a) —Os trabalhos em prosa serão in- cluídos nos programas da E. N.

8.º—Só serão admitidos originais em versos cuja extensão não exceda três páginas em papel vulgar de máquina de escrever, entrelinhados a dois espaços.

9.º—Só serão admitidos originais em prosa cuja extensão não exceda a se- guinte cronometragem:

a) —Teatro radiofónico—Peça em um acto com a duração mínima de 15 minutos e máxima de 20.

b) —Palestra radiofónica—Com a du- ração de 8 a 10 minutos.

10.º—Poder-se-á concorrer em versos com o seguinte:

a) —Poesia heroica de exaltação de qualquer figura ou monumento da nossa história.

b) —Soneto.

c) —Poesia lírica.

d) —Quadra popular.

e) —Poesia alusiva ao Algarve.

11.º—Poder-se-á concorrer em prosa com o seguinte:

a) —Teatro radiofónico (peça em 1 acto—drama ou comédia—com o máximo de quatro personagens.

b) —Palestra radiofónica.

12.º—Os prémios são os seguintes:

Poesia Heroica

1.º Prémio:—Amaranto (flor natural) e 1.500.000; 2.º prémio:—1.000.000; 3.º e 4.º prémios:—menções honrosas.

Soneto

1.º Prémio:—Violetas (flor natural) e 1.000.000; 2.º prémio:—500.000; 3.º e 4.º prémios:—menções honrosas.

Poesia Lírica

1.º Prémio:—Rosa (flor natural) 1.000.000; 2.º prémio:—500.000; 3.º e 4.º prémios:—menções honrosas.

Quadra Popular

1.º Prémio:—Cravo (flor natural) e 800.000; 2.º prémio:—500.000; 3.º pré- mio:—300.000; 4.º prémio:—200.000; 5.º e 6.º prémios:—menções honrosas.

Poesia Alusiva ao Algarve

1.º Prémio:—Malmequer (flor natural) 1.200.000; 2.º prémio:—700.000; 3.º e 4.º prémios:—menções honrosas.

Teatro Radiofónico

1.º Prémio:—Jasmim (flor natural) e 1.200.000; 2.º prémio:—800.000; 3.º e 4.º prémios:—menções honrosas.

Palestra Radiofónica

1.º Prémio:—Papoila (flor natural) e 500.000; 2.º prémio:—300.000; 3.º e 4.º prémios:—menções honrosas.

13.º—A todos os primeiros classifica- dos com primeiros prémios serão tam- bém atribuídas miniaturas em prata dourada correspondentes às flores natu- rais que hajam recebido.

14.º—As produções desclassificadas darão entrada no arquivo da E. N., pe- lo que não serão devolvidas aos res- pectivos autores.

15.º—Para apreciação dos trabalhos será constituído um júri composto por escritores de reconhecido mérito e presidido pelo Presidente da E. N., apenas com voto em caso de empate.

16.º—O júri reserva-se o direito de não atribuir qualquer dos prémios, não havendo apelação das suas decisões.

17.º—O programa deste festival será publicado oportunamente e radiofundi- do pelas estações de ondas médias e curtas da Emissora Nacional.

18.º—Não poderão concorrer aos Jo- gos Florais:

a) —Os membros do júri.

b) —Os membros da Comissão Exe- cutiva.

c) —Os funcionários da E. N.

Lisboa, 28 de Maio de 1947.

O Presidente da Direcção da E. N.

Lisboa das Toiradas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

É, pois, para nós indiferente semelhante jogo, sem lhe querer- mos, contudo, desmerecer os encantos que fazem delirar a mocidade. Não nos parece, porém,—diga-se em abono da verdade—que, com a sua formidável expansão, o desenvolvimento fisico em geral ganhe muito com isso.

As corridas de touros foram a demonstração pura e simples do nosso espirito de bravura. Como tal julgamos que devem continuar na recordação de todos e serem aproveitadas para exemplo dum passado que seria injusto ficar no esquecimento.

Tudo quanto possa contribuir para este desiderato, é sintoma de bom critério.

Eis porque despertou em nós vivo interesse a aparição dum livro que Lisboa inteira lê e relê agora com verdadeira curiosidade, por- que os factos nele apresentados, descritos com singeleza e brilho, são revelações aprazíveis, finamente observadas.

Esse livro intitula-se «Lisboa das toiradas» e é escrito por um hábil professor que tem estudado o assunto, dando-lhe o melhor da sua vida e da sua inteligência: é José Luiz Ribeiro, investigador incansavel, anotador precioso, que nesse trabalho de vulto, extre- mamente difícil, nos dá biografias completas e interessantes de figuras notáveis do toureiro, que muito contribuirão para o estudo das tou- radas em Portugal.

Como diférem os tempos!

As tardes das touradas em Lisboa alvorçavam a cidade inteira. Que sublime alegria a dos toureiros! Que grandeza de admiração a dos afeiçoados a espectáculos dessa natureza. Tão atraentes como comovedores!

Na propria comoção que deles brotava, luzia sempre bem distinc- tamente o sentimento da raça, tão imperturbavel no triunfo como na derrota.

As paginas do livro de Luiz Ribeiro afirmam eloquentemente o nosso ponto de vista, e deixam transparecer no fervor das suas in- vocações uma grande saudade.

A magestosa Praça do Campo Pequeno lá está respirando o ar sadio duma vida que lhe deu nome. De quando em quando há quem se lembre dela, e as suas portas abrem-se no mesmo afã de recordações tradicionais que se acolhem na alma popular.

É possível que os touros ali voltem com mais frequencia e brilho, agora que se procura normalizar a vida do país tão fortemente aba- lada pela ferocidade da guerra.

Já se vão encontrando em maior abundancia, embora com fraca disposição para se meterem em assados. Basta-lhes o sacrificio do espêto, á mercê da sofreguidão humana...

Acouroie Cardoso

CICLISMO

No passado domingo, realizou- se no Campo de Jogos do Gi- násio Clube de Tavira, um inter- essante festival ciclista incluído no programa dos festejos popu- lares promovidos pela Comissão de Auxilio á Misericórdia, em colaboração com a Academia Musical Tavirense e sob o pa- trocinio da Câmara Municipal de Tavira.

Com o Stadium repleto de gente realizaram-se as anuncia- das provas, nas quais os valoro- sos corredores do Ginásio Clube de Tavira alcançaram sempre os melhores lugares.

A equipa do Ginásio é, sem duvida, hoje, a melhor da nossa provincia e uma das boas do nosso País.

O festival, que foi abrilhanta- do pela Banda da Academia, ini- ciou-se pelas 18 horas, com a «Prova de Eliminação para Ini- ciados», tendo alcançado o 1.º prémio o corredor João Carlos, individual, da Luz de Tavira.

Na «Prova Crítérium de 20 Voltas» para amadores séiores, obteve o 1.º prémio o corredor José Baptista, do Ginásio Clube de Tavira, uma esperança do ciclismo algarvio.

O 2.º prémio ao valoroso ás do pedal Manuel Palmeira.

O 3.º prémio ao grande cor- redor algarvio Francisco do Sér- ro, do Louletano D. Club.

O 4.º a Rolandino Palmeira, o valoroso corredor do Ginásio, que mais se destacou na 2.ª vol- ta ao Algarve, em bicicleta.

O 5.º ao corredor José Mar- tins, do Benfca.

Na «Prova 25 Voltas em Li- nha» para amadores juniores, a classificação foi a seguintes:

1.º João Carlos, individual, da Luz.

2.º António Viegas Brito, in- dividual, da Luz.

3.º António de Jesus Valentim, individual, de Tavira.

Na «Grande Prova Tentativa Contra o Récord da Hora» as classificações foram as seguintes:

1.º Manuel Palmeira, 85 voltas, campeão do novo récord.

2.º José Martins, do Benfca.

3.º Inácio Ramos, do Ginásio.

4.º Francisco do Sérro, do Louletano.

5.º José Baptista, do Ginásio.

E assim terminaram as provas disputadas sempre com grande entusiasmo.

Recortes da «Indice»

O método de elaboração e a apresentação agradável, em im- pressos vistosos e apropriados, dos Recortes da Indice, permi- tem constituir com eles colecções de fácil e rápida consulta, que são valioso auxiliar de trabalho em qualquer ramo de actividade.

A missão da Indice é recortar dos Jornais, para os seus assi- nantes, os assuntos que a estes interessam, e tem a sua sede em Lisboa, na Rua do Trombeta 10, Telef. 33072.

Automóvel

Vende-se «SS» em bom es- tado geral.

António Marques Trindade—Tavira.

Grémio da Lavoura de Tavira

Adubos:

Mantem-se o anterior.

Ferragens:

Informamos os nossos associa- dos de que o Posto Agrário de Sotaventô do Algarve se acha em condições de fornecer semen- tes de anafe e feno grago—para as terras calcáreas—e sementes de garrôba e serradela—para as terras xistosas e arenosas—a pre- ços inferiores aos fixados pelas casas da especialidade.

Os interessados poderão fazer as suas inscrições neste Grémio com indicação das quantidades de que necessitam para que oportu- namente possam ser satisfeitos os seus pedidos. A Direcção

Casas

Vendem-se, duas moradas em Tavira, na Rua Almirante Reis. A primeira compõe-se de réz do chão e 1.º andar, com os n.ºs 137 e 139 e a segunda é térrea com o n.º 141.

Quem pretender dirija-se a Salvador dos Santos Rêgo, Rua Infante D. Henrique, n.º 92 — 1.º—Faro.

Arrenda-se

Na propriedade de Pedras de Baixo, uma horta, denominada Horta de Baixo.

Trata: José Joaquim de Mattos Parreira.

Tomateiras

Arrendam-se quatro mil pés. Tratar José Navarro—Almar-gem.

Relojoaria e Ourivesaria

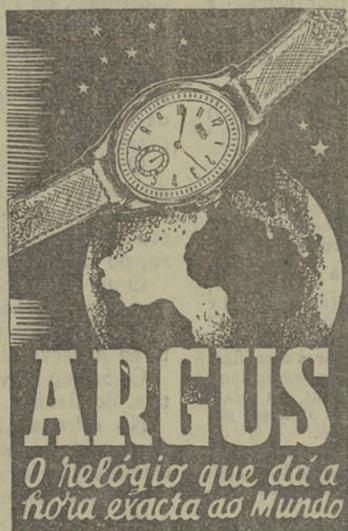
"GONÇALVES"

(MERCADO MUNICIPAL)

TAVIRA

Completo sortido dos mais modernos Relógios para homens e senhoras.

Modernos e acreditados Relógios de bolso



Relógios de parede, Garrilhões, etc.

Objectos de Ouro e Prata, Joias e lindos artigos para brindes, encontram V. Ex.ª, neste estabelecimento.

VENDA A PRESTAÇÕES

- DE -

RELOGIOS E JOIAS

- NA -

Ourivesaria J. V. Mansinho

J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábricas de moagem de Farinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECANICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

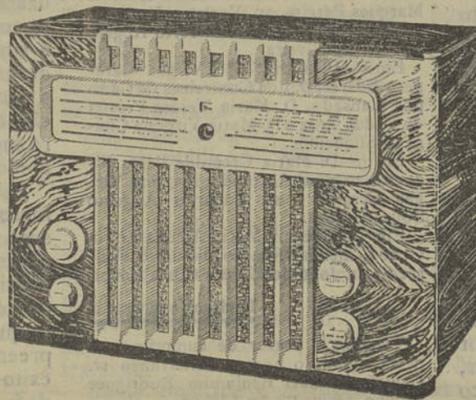
Tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

"HIS MASTER'S VOICE"

O receptor maravilhoso



A última palavra da T. S. F. de 1947

Não compre sem primeiramente pedir uma demonstração

Vendas a pronto e a prestações sem aumento de preços

Agência F. P. R.

Rua Dr. Parreira, 13 - TAVIRA

FRANCISCA GUIDA FURTADO

PARTEIRA - ENFERMEIRA
Diplomada pela Faculdade de Medicina de Lisboa

PARTOS
A PREÇOS MODICOS
chamadas a qualquer hora

Dá INJECCÕES
fora e em sua casa

Rua S. João de Brito, n.º 64
Vila Real de Santo António

HORTAS

Arrendam-se duas, com abundância de água.

Trata e recebe propostas até ao fim do mês de Julho, Joaquim Pires Cruz — Tavira.

Também se vendem alguns carros de carga, outros de cómodo pessoal e alguns utensilios de lavoura.

Uma boa notícia para os que desejam sempre barbear-se o melhor possível!

PERSONNA

a incomparável lâmina de barbear acha-se de novo à disposição de todos na

UTILITARIA

Rua 5 de Outubro, n.º 11 e 13

TAVIRA

Anuncial no "Povo Algarvio"

CEIRAS e CAPACHOS

para Lagares de Azeite

Vende o fabricante

José Mateus Esparteiro

B. Baixa — Alferrarede

TELEFONE 212

Então o senhor que tanto preza a sua saúde e a dos seus, ainda não comprou uma

BOMBA AZUL?

A sua inigualável eficácia impõe o seu uso no combate aos insectos inimigos do homem.

UTILITÁRIA

Rua 5 de Outubro, 11 e 13

TAVIRA

A MECAMOTO TAVIRENSE

Rua Nova da Avenida, 15 — TAVIRA

VENDE:

Motores,
Bombas
e acessórios
para todas
as industrias

MOTORES DIESEL
ARMSTRONG-SYDDELEY
DEUTZ e CONVENTRY

A Petróleo

INTERNATIONAL
de 2 1/2 e 5 H P

ORÇAMENTOS GRÁTIS

EM EXPOSIÇÃO

Motores Armstrong-Syddeley de 6 HP
International a petroleo de 2 1/2 HP

MOTORES DE FORA DE BORDA

Johnsons de 2 1/2 e 5 HP

Não comprem sem consultar os n/prêços